

## A (Im)possibilidade da Culpa – Uma exploração psicanalítica em torno da culpa nazi<sup>1</sup>

David Figueirôa<sup>2</sup>

*PsiRelacional, Lisboa, Portugal*

Through the fantastic story told by Momik, grandson of Jews deported to a Nazi extermination camp, we will reflect about Nazi guilt, evidencing the contrast of the role of guilt in Freudian human civilization and Hitler's Nazi project. The double nature of guilt in psychoanalysis is shown using León Grinberg's notions (persecutory guilt / depressive guilt) and we then reach the idea of a retroactive guilt. The article points to the figure of Adolf Eichmann, the man in charge of the Nazi "final solution", the submissive employee revealed by Hanna Arendt, who here finds psychoanalytic meaning.

**Key Words:** Guilt, Nazi guilt, culture, submissive, Eichmann, Arendt, Grossman.

Através da fantástica história contada por Momik, o neto de judeus deportados num campo de extermínio nazi, reflecte-se sobre a culpa nazi, evidenciando-se o contraste entre o lugar da culpa na civilização humana freudiana e no projecto nazi hitleriano. Mostra-se e dupla natureza da culpa em psicanálise, recorrendo-se a Leon Grinberg (culpa persecutória / culpa depressiva), chegando-se à ideia de uma culpa retroactiva. O artigo orienta-se para a figura de Adolf Eichmann, o responsável pela "solução final" nazi, o funcionário submisso revelado por Hanna Arendt, que encontra aqui um sentido psicanalítico.

**Palabras clave:** culpa, culpa nazi, cultura, submissão, Eichmann, Arendt, Grossman

**English Title:** The (Im)possibility of Guilt - A Psychoanalytic Exploration Around Nazi Guilt

*Cita bibliográfica / Reference citation:*

Figueirôa, D. (2016). A (Im)possibilidade da Culpa – Uma exploração psicanalítica em torno da culpa nazi. *Clínica e Investigación Relacional*, 10 (1): 191-202. [ISSN 1988-2939] [Recuperado de [www.ceir.info](http://www.ceir.info)] DOI: 10.21110/19882939.2016.100113 (V.portuguesa)

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no Colóquio "A Culpa", IARPP Portugal, em Lisboa, 31.10.2014.

<sup>2</sup> Psicoterapeuta psicanalítico, vice-presidente da PsiRelacional – Associação de Psicanálise Relacional (Portugal), membro da IARPP Portugal.

### 1. O contador de histórias que não morre

A história foi-me contada pelo neto. Os avós eram judeus deportados num campo de extermínio nazi, durante a II Guerra Mundial. É uma história fantástica, aquela que Momik me contou sobre o seu avô, Anshel Wasserman. Através dela compreendi, talvez, algo sobre a culpa nazi: a sua impossibilidade.

É uma história terrível: o avô, Anshel Wasserman, viu a sua família (mulher e filha) ser assassinada à sua frente, assim que chegados ao campo nazi. Ele próprio sobrevive, vai trabalhar com os “dentistas”, que eram aqueles que tiravam os dentes aos mortos, até ao inevitável dia em que também ele vai para o Himmelstrasse, o caminho do céu, como lhe chamavam os nazis. É então que acontece o inexplicável, o absurdo: os nazis tentam matar este judeu e não conseguem, era impossível eliminá-lo. Tentaram com espingarda, tentaram dentro do camião, tentaram nas câmaras de gás, e ele não morreu. Todos à volta dele morreram, mas ele não morreu. Foi levado ao comandante do campo, o Obersturmbannführer Neigel, que lhe dá mais um tiro com um revólver, na testa do avô. “Uma espécie de zumbido atravessou-me a cabeça de orelha a orelha”, haveria de contar o sobrevivente avô Anshel. O nazi, claro, ficou perplexo: olha estupefacto para o judeu e depois para o revólver, agarra-lhe a cabeça e vira-a para um lado e para o outro à procura do buraco da bala. Exclama: “Está a gozar comigo?”. Mas não, o judeu não queria incomodar, estava ele próprio embaraçado, não compreendia porque não sucumbia. Para o nazi era pior, claro: um judeu que não morria, um absurdo e um precedente inaceitável, o führer haveria de ficar furioso!

Não sabiam o que fazer com ele. O avô Anshel ficou sob a vista do comandante Neigel, a fazer de jardineiro ao nazi que havia executado a sua família. Entretanto, o nazi reconheceu nele um conhecido escritor de histórias infantis “Os Meninos de Coração de Ouro”, que lera na sua infância. Pediu-lhe então que lhe contasse uma história especial, só para ele. Algo para lhe ocupar o espírito depois do trabalho no campo.

Anshel Wasserman recusa contar a história a “Herr Neigel” (“Senhor Neigel”). O nazi, sem a morte por argumento, fica sem argumentos. Mas o judeu, cansado, despojado de si e dos seus, desabafa: “Desejo ardentemente morrer”. Perante a fraqueza do judeu, Herr Neigel recupera o argumento, e diz-lhe: “Todas as noites, quando acabares de me contar o episódio do dia, tentarei matar-te. Uma bala na cabeça. Isso será a tua recompensa. (...) Dispararei contra ti todas as noites, na condição, claro está, que a história seja boa”.

## 2. A culpa e a Cultura

É chocante a indiferença nazi perante o valor da vida humana. É chocante o processo organizado de assassinio cruel e em massa de outros humanos. O Holocausto é um Absurdo. Foram aniquilados 6 milhões de judeus, cerca de dois terços dos que viviam na Europa. Cerca de um milhão de crianças, dois milhões de mulheres e três milhões de homens. Considerando ainda os assassinios em massa de prisioneiros de guerra e civis, homossexuais, deficientes, ciganos, o número de vítimas só do programa de extermínio terá sido entre 10 e 11 milhões de pessoas (US Holocaust Memorial Museum). A mancha assassina da destrutividade organizada nazi deu campo e cobertura a muitos psicopatas e perversos, recordamo-nos por exemplo de Amon Göth, o comandante do campo de extermínio de Plaszow, retratado por Ralph Fiennes, no filme "Schindler's List" (de Steven Spielberg, 1993). Mas a ordem processual nazi é uma rede maior que os nós de perturbação dos seus protagonistas e é ela própria geradora do Mal (e não apenas uma sua expressão). Isso mesmo nos mostrou Hannah Arendt, com a sua teoria sobre a banalidade do mal e a burocratização da violência, a partir do estudo do "funcionário" Adolf Eichmann, o executor-chefe da solução final para o extermínio dos judeus na Europa nazi (Arendt, 1963, 1951). Eichmann era um homem de família, pai de filhos, trabalhador zeloso e exemplar, aliás como o comandante de campo da nossa história, Herr Neigel.

Onde está a culpa destes homens? Vimos como Eichmann, a exemplo de tantos outros nazis, não apresenta dela sinais. E tampouco se detectam nele ou na sua história distúrbios psicopáticos, psicóticos, perversos ou anti-sociais. O homem é de uma banalidade desconcertante.

Adolf Hitler disse um dia "*Nature is cruel; therefore we are also entitled to be cruel. When I send the flower of German youth into the steel hail of the next war without feeling the slightest regret over the precious German blood that is being spilled, should I not also have the right to eliminate millions of an inferior race that multiplies like vermin?*" (citado por Fest, 1973, p.679-680). A crueldade é assumida como uma força natural do homem. E Hitler esvazia a culpa do homem sujeito de crueldade. A crueldade não é culposa, é uma expressão natural de força e superioridade. A consciência culposa pertenceria aos judeus, como uma fraqueza. Os judeus sentem culpa, os nazis não sentem culpa.

Nos antípodas deste pensamento, o judeu Sigmund Freud afirmara que a "consciência moral" era uma aquisição fundamental no homem. *Do homem enquanto sujeito da sua história pessoal*, procurando equilibrar-se entre a força pulsional e a lei interditora, o desejo individual e o interesse colectivo, entre o Eu e o Supereu; mas também uma aquisição *do Homem sujeito da História humana* – em Freud, a culpa é mesmo fundadora da religião, da

organização social e da cultura, como é exposto em "Totem e Tabu" (1913), uma culpa emergente e organizadora após o assassinato do pai primevo. O pai primevo (o pai edipiano), tirano absoluto da horda onde mantinha para si todas as mulheres, é assassinado e depois comido pelos filhos, para se livrarem dele e para com ele se identificarem. Depois de satisfeito o ódio, emerge a culpa (dada a ambivalência afectiva), que originaria o totemismo, uma espécie de glorificação reparadora do pai (na base também das futuras religiões), e uma nova forma de ordem social, baseada na cooperação entre os irmãos e na partilha rigorosa das mulheres, através da regra "não matarás" (em primeira instância, o animal totem, no limite, não repetirás o acto parricida) e da instituição da proibição do incesto e, portanto, da instauração da exogamia e da troca com outros clãs, com o exterior.

Noutros textos, como em "Mal-Estar na Civilização" (1930), Freud haveria de desenvolver o lugar da culpa no equilíbrio da civilização, com o seu papel repressor das tendências agressivas. Neste texto, aliás, Freud de certa forma antecipa o que aí viria no mundo, veja-se por exemplo: "o Homem não é somente uma criatura terna e necessitada de amor que só ousaria defender-se se a atacassem, mas pelo contrário um ser entre cujas disposições pulsionais também deve incluir-se uma boa dose de agressividade", pois "o homem é um lobo para o homem" ("homo homini lupus"), referindo-se aí à pulsão de morte e à sua eterna luta com a pulsão de vida, ambas constitucionais do humano, em Freud.

Se Hitler eliminava a culpa do seu projecto nazi, Freud revelava-a como fundamental na civilização e na cultura humanas.

O sentimento de culpa é, em Freud, um elemento nuclear e estruturante da relação do homem com o outro e da construção social. Não há Cultura sem culpa.

### **3. Culpa persecutória e culpa depressiva**

"Sou culpado" é um dos sentimentos mais característicos do psiquismo humano, consciente ou inconsciente. A culpa ocupa um lugar central na vida psíquica, sendo a sua natureza e calibragem na economia psíquica influentes para a formação de sentimentos tão relevantes quanto a responsabilidade perante o outro ou o próprio sentimento de liberdade interna. Isto é, a natureza e a dimensão da culpa em cada pessoa relacionam-se com as vivências de liberdade psíquica e de responsabilidade face aos outros e a si próprio. Genericamente, podemos pensar, por exemplo, que quanto maior a culpa (quando se faz excessiva) menor será o grau de liberdade psíquica de uma pessoa (a pessoa auto-limita-se, é perseguida e condicionada pela própria culpa), mas também, se não houver culpa suficientemente actuante na economia psíquica de uma pessoa, o seu grau de responsabilidade será limitado

(uma capacidade de sentir uma “culpa razoável” será um dos elementos constituintes do sentido da responsabilidade e da relação com o outro).

No desequilíbrio da culpa, a responsabilidade é coarctada, a liberdade amarrada, a culpa neurótica (edipiana) manifesta-se, o sujeito procura o castigo, como na acção criminosa, como Freud mostrou.

Ou seja, a culpa é um conceito que precisa de um equilíbrio, pois se existir a mais ou a menos, pode desequilibrar a vida psíquica humana. Mas podemos dizer que a culpa nunca existe a menos, existe sempre a mais. O verdadeiro desequilíbrio da culpa é o excesso, e uma das expressões desse excesso é a ausência aparente. Um excesso de culpa que pode ser camuflado pela ausência de culpa.

Para o afirmarmos, inspiramo-nos aqui, já, no conceito de culpa no sentido proposto por Leon Grinberg (1963), a partir de Melanie Klein e dos estudos sobre o desenvolvimento precoce, considerando a culpa como um fenómeno de grande amplitude na mente humana, diferenciando, num registo mais precoce, a *culpa persecutória* (situada na posição esquizoparanóide, de Klein), e, num registo mais evoluído, a *culpa depressiva* (associada à posição depressiva kleiniana, esta sendo portanto uma aquisição posterior, “transformada” a partir da primeira – e um registo mais próximo da culpa freudiana).

Esta “culpa depressiva” deriva da constituição psíquica do objecto inteiro e da integração dos afectos ambivalentes que lhe são dirigidos. É a culpa que emerge associada ao sentimento de ter feito mal ao objecto bom (real ou fantasiosamente), um sentimento que está na base do movimento de reparação, aquisição esta essencial ao desenvolvimento da vida psíquica e relacional. Reparar o objecto, que sobrevive, que permanece, é poder continuar em relação. Esta noção de culpa aproxima-se também da culpa conceptualizada por Freud, resultante em boa medida das tensões conflituais entre o eu e o supereu (poderíamos também dizer entre o desejo e a “consciência moral”, termo aliás inicialmente grafado por Freud), embora em Freud o momento da sua aquisição fosse tendencialmente mais tardio, como resultado do Édipo e da formação do supereu.

O conceito kleiniano está ainda mais próximo do de Ronald Fairbairn, que situa o aparecimento da culpa no mesmo período, chamando-lhe “defesa moral” (1943), evidenciando a natureza relacional e moral da culpa. A culpa é associada à integração do bem e do mal (antes clivados) e possibilita ao psiquismo, a partir daí, defender-se contra o que antes dela seria um sentimento absoluto - uma espécie de “culpa absoluta” - prévia à moral. Essa “culpa absoluta”, no psiquismo mais precoce, reflectiria um sentimento de si radical, incondicional, que poderíamos traduzir por “Eu sou mau”, “Eu sou totalmente mau”, portanto, “Eu sou culpado e não posso senão ser culpado”. A aquisição da defesa moral liga

o sentimento de maldade a uma moralidade, libertando assim o sujeito da maldade absoluta: o "Eu sou mau" absoluto torna-se num "Eu sou mau" condicional, próximo de um "Eu fui mau", o que quer dizer que "posso ser bom", se "fizer bem", se vier a corresponder às exigências da instância moral. Posso então deixar de ser culpado, ser des-culpado, e abre-se a via da esperança (como salientou também Winnicott, 1966) e, em última instância, de manter ou reconquistar o amor. Fairbairn diferencia assim a "defesa moral", simultânea à culpa depressiva kleiniana, deste sentimento radical mais precoce, a "culpa ou a maldade absoluta" - ou a "culpa persecutória" nos termos de Klein.

A "culpa persecutória" é de uma natureza absoluta e incondicional, sem escapatória. Klein refere-se a uma culpa precoce, por exemplo, em "Inveja e Gratidão" (1957), como consequência de um excesso da inveja (ela própria consequência de um predomínio da "pulsão de morte" no interior do psiquismo do sujeito, em detrimento da "pulsão de vida"), uma culpa "experimentada por um ego ainda não capaz de tolerá-la", sendo ela então "sentida como uma perseguição e o objecto que a desperta transforma-se num perseguidor" e que pode ter "como consequência o fracasso na elaboração da posição depressiva". Esta culpa persecutória estaria, então, associada a um Eu ainda débil e imaturo e seria intensificada pelas angústias da fase esquizoparanóide e às frustrações e fracassos no acesso à posição depressiva.

A culpa persecutória não tem em si mesmo nem aparência nem substância de culpa, no sentido em que é ainda pré-moral, não existindo ainda uma integração bom-mau. Por isso, também, nessa "posição", o objecto não pode ser reparado, apenas apaziguado, controlado, afastado para longe, ou, no limite, destruído.

#### **4. A retroactividade da culpa**

Clarificámos o conceito de culpa que aqui empregamos, diferenciado em culpa persecutória e culpa depressiva, a primeira sendo constituída na origem da relação humana, fundadora do psiquismo, a segunda sendo adquirida na transição entre a posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

Ao diferenciarmos e considerarmos a culpa persecutória e a culpa depressiva, acedemos à dupla natureza da culpa, a culpa excessiva, tirânica, absoluta versus a culpa condicional, potencialmente reparadora e de construção relacional.

Creemos que a ideia de uma "ausência de culpa" pode ser aplicada apenas à culpa depressiva, quando ela não é constituída, mas não à culpa persecutória, esta inescapável, dadas as bases esquizóides do psiquismo humano (Fairbairn, 1940; Klein, 1946).

Para a culpa ser *experienciada* como tal, seria necessária uma aquisição da ordem daquilo que seria já uma culpa depressiva. Fairbairn ajuda-nos, também a compreender que a única forma de moral é integrada, depressiva, pois não há moral se só houver mal, ou se o mal estiver totalmente desligado do bem.

Em coerência com o que dissemos atrás, e se defendêssemos uma perspectiva linear do desenvolvimento, defenderíamos que à "*culpa persecutória*" *deveria ser retirado o termo "culpa"* - seria aí talvez mais correcto falar de uma de uma "maldade persecutória", derivada dos jogos introjectivo-projectivos das primeiras relações com a mãe, nomeadamente, da experiência de privação e frustração. Mas tendo em consideração a dinâmica psíquica e as oscilações entre os registos esquizoparanóide e depressivo, ou seja, a oscilação entre movimentos progredientes e regressivos na mente humana (movimentos em constante acontecer, como nos mostraram Klein e Bion), o conceito de "culpa" precoce ganha sentido. A culpa é experienciada retroactivamente, em movimento regressivo, por via da experiência da culpa depressiva, entretanto alcançada - de forma meramente esboçada ou devidamente constituída. Em qualquer dos casos, perante movimentos regressivos, a experiência da moral e da culpa depressiva ficaria impregnada na mente, estabelecendo-se uma leitura actualizada (inconsciente) da maldade esquizoparanóide. No movimento regressivo, a culpa depressiva ficaria diluída *enquanto tal* pela reemergência das dinâmicas esquizoparanóides, mas também inchada de *forma distorcida* pelo sentimento de maldade própria vindo do fundo do caldeirão esquizoparanóide. Seria esta distorção da culpa depressiva que constituiria uma "culpa" persecutória. Cremos que, assim, regressivamente, a maldade persecutória ganha forma de culpa persecutória - e o termo culpa é bem empregue.

## 5. A história continua

Entretanto, o judeu Anshel Wasserman continuava todas as noites a contar a história ao comandante do campo de extermínio nazi, Herr Neigel. Ao final de cada noite, o nazi disparava um tiro na cabeça do escritor.

Sabemos, por isso, 1º) que o judeu continuava sem morrer, 2º) que o nazi estava a gostar da história.

## 6. Quem não mata, morre

Voltemos aos dois arquétipos representados pelos diferentes comandantes de campo de extermínio, o perfil de Göth, "o psicopata", e o de Eichmann, "o funcionário".



O primeiro (Göth) apresenta um perfil com evidências de uma perturbação esquizoparanóide, com dinâmicas persecutórias, que transformam o perseguido em perseguidor, e onde os registos de onnipotência, superioridade, arrogância, gozo e triunfo face ao outro revestem a destrutividade incontida. É um perfil movido pelo poder, um poder tirânico e destrutivo, sobre o outro.

O segundo perfil (Eichmann) é mais enigmático e foi Hannah Arendt que o desvelou (1963). Trata-se de um perfil marcado pela submissão e sobreadaptação à realidade e pela ausência de manifestações perturbadas, com excepção da especificamente associada à execução da sua função: eliminar, matar. E não por iniciativa própria, mas sim por sujeição à ordem e ao sistema vigente. São extraordinárias as afirmações de defesa de Eichmann no seu julgamento: sem remorso e pleno de convicção do sentido do dever, uma convicção inabalável na ordem do mundo que abraçou. O problema, que é nosso, do nosso ponto de vista, é que a ordem estava alterada, pervertida, e a perversão foi mesmo elevada a poder máximo e a ordem universal na Alemanha nazi.

Eichmann, funcionário zeloso, competente, é eficaz mas não criativo, ele, na verdade, não pensa. O pensamento foi substituído pela ideologia tirânica, única, como em "1984" de Orwell. Eichmann é uma peça da engrenagem nazi, anulam-se as fronteiras entre o indivíduo e o colectivo e esvai-se a subjectividade em ordem ao impessoal burocrático e maquinal. Não há valor de subjectividade, nem no outro, nem em si próprio.

Creemos que, nesta personalidade mais comum do que reconhecida, a posição depressiva terá sido organizada em zonas relativamente espessas mas superficiais do self. O self fica suficientemente embebido das aprendizagens depressivas, a ponto de poderem promover um equilíbrio aparente e duradouro na relação com o mundo externo. Mas uma área restrita e escondida do próprio self ter-se-á mantido aquém do desenvolvimento humano. Esta será uma área "não povoada" do self, ou um lugar interior "não reconhecido", "não confirmado", não "subjectivado" (no sentido do "inconsciente não validado", referido por Orange, Atwood e Stolorow, 1997). Uma área que vem a ser compensada por objectos captados ao sistema de referência, aos ideais, às ordens superiores. Constitui-se um substituto identitário, que elimina o pensamento e o conflito. Pensar, ligar, sentir, criar, pode gerar uma perturbação inquietante, pois são realizados sobre o vazio interior, onde se pode cair se não se estiver suficientemente seguro. A adesão ao sistema homogéneo e hegemónico, poderoso e livre de conflitos, providencia essa segurança externa e a colagem interior-exterior oferece uma ilusão de segurança interna. Necessária, sobretudo, em tempos tão binários como os do nazismo, onde "os inferiores" são liminarmente exterminados. Diz o ditado, boa expressão de uma sabedoria esquizoparanóide: "quem não mata, morre".



Eichmann é um parasita do sistema, que o parasita. O lugar de comandante nazi do campo de extermínio proporcionou uma roupagem e uma armadura excelente para este tipo de personalidade mecânica e submissa - e deu também cobertura ao psicopata. Mas o funcionário submisso e exemplar oferece garantias adicionais de rigor e eficácia, que o psicopata, sobretudo se de carácter perturbador e excessivo, em vertigem de poder, não assegura. Conjugam-se, no submisso, as necessidades do funcionário com as exigências de um sistema organizado (Ciccione, 2003, a partir de Meltzer, 1968. Nós próprios explorámos a ligação entre a tirania e a submissão e entre a tirania e o mal, Figueirôa, 2014).

O que move o submisso não é o poder sobre o outro, como na dinâmica psicopática. Aí, o poder procura inverter a humilhação outrora sentida face ao adulto abusador. O que moverá o submisso é poder existir, ter um lugar. Procurará, talvez, compensar a indiferença com que foi tratado na infância pelo adulto, adulto incapaz de reconhecer e subjectivar, em sintonia e em articulação com o "verdadeiro self" do sujeito, como diria Winnicott.

Voltando à culpa, em circunstâncias sociais normais, este sujeito é adaptado e apto ao juízo moral dominante, sem falhas ou perturbações que se evidenciem. Sob um regime ideológico totalitário e homogéneo, a ordem moral do sujeito cola-se em absoluto à ordem moral do novo sistema. A culpa do sujeito é-lhe totalmente subsidiária. Mais culpado se sentiria Eichmann se não tivesse cumprido o seu dever.

Mas também não haveria evidência de ausência de culpa se o sistema não tivesse sido derrotado. Se, por absurdo, hoje fossemos todos nazis, Eichmann seria um dos nossos. E os judeus e todos os outros seriam os culpados.

No fundo, não há ausência de culpa, há é um deslocamento da ordem moral, interiorizada e assimilada ao self. A banalidade do mal de Hannah Arendt encontra nesta conjectura um possível sentido psicanalítico.

## 7. Moral da história

E como termina a história de Momik? Anshel Wasserman continuou a contar histórias ao nazi, mas estava motivado por um plano secreto: o seu objectivo era transformar o nazi num ser humano, através da palavra humana; romper, através da subjectividade e da relação humana, a estatística e a eficácia da máquina nazi. Mas o seu objectivo não era altruísta. Aquele nazi e aquele sistema haviam assassinado a sua mulher e a sua filha à queima-roupa. Wasserman acreditava que romper a estrutura nazi e infiltrá-la de humanidade produziria necessariamente a sua destruição. No final da história, o nazi, Herr Neigel, deu um tiro na sua própria cabeça, suicidando-se.

Esta história, narrada por Momik, é um excerto adaptado do terceiro capítulo da obra-prima "Ver: Amor" do judeu israelita David Grossman (1986). Presto-lhe aqui a minha homenagem e à literatura, em geral, enquanto expressão do Belo e do Humano.

Nesta história, a ordem moral deslocou-se do nazismo desumano para a ordem da relação humana. Que é insuportável para o nazi. Estamos, nesta vinheta literária, perante um exemplo máximo da impossibilidade da culpa. Quando a culpa é acedida, o sujeito suicida-se.

Fairbairn (1943) já nos alertara para a sensibilidade clínica da questão da precipitada consciencialização da culpa na relação analítica (relação analítica aqui também metaforizada na nossa história): acentuar ou desvelar a culpa do paciente pode, em algumas circunstâncias, romper as defesas do sujeito e - se sobreviver aos demónios libertados - levá-lo a aumentar o recalçamento dos maus objectos e a uma reacção terapêutica negativa.

É importante, antes de finalizarmos, evidenciarmos a diferença fundamental entre a culpa nazi e a culpa alemã.

A *culpa nazi*, ideia em torno da qual construímos este artigo, é uma contradição de termos, como proclamou o próprio Hitler, uma impossibilidade de conjugação articulada - se considerarmos a culpa na sua dimensão depressiva e moral. A sua existência, a possibilidade de ser experienciada enquanto tal, levaria ao colapso do nazismo, enquanto dinâmica psíquica (tirania destrutiva, cruel e sem culpa).

A *culpa alemã* é outra realidade e merece ser diferenciada. Não nos detemos aqui sobre ela, apenas para a distinguir da nazi. A culpa alemã relacionada com os horrores do nazismo é uma culpa do pós-guerra, iminentemente depressiva, embora a sua consciencialização, expressão e elaboração tenha sido amplamente dificultada pela violência e barbárie dos actos cometidos pelos nazis/alemães durante a guerra – e pela própria identificação identitária entre o nazi e o alemão, cuja imbricação ainda opera décadas depois no imaginário dos povos europeus. Acresce a humilhação da derrota e da terra tomada e dividida pelos aliados e pela violência exercida sobre o próprio povo alemão, sujeitos também a níveis de violência e destruição gigantescos perante os bombardeamentos aliados. Estes factores conjugados estarão na origem de um revestimento de vergonha em torno da culpa alemã, limitando a sua operacionalidade psíquica, isto é, a possibilidade de constituir um "objecto psíquico" em transformação, como diria Bion. Isso mesmo nos mostrou o escritor alemão W.G. Sebald, num importante ensaio que nos ajuda a compreender a estranha forma da culpa alemã, ou o seu silêncio (1999).

A missão da Psicanálise não é destruir nazis. Mas pode ser reconhecer e combater o nazismo ou as áreas de funcionamento nazi (ou fascista ou tirânica) na mente humana e nas relações humanas e sociais e ajudar as pessoas por elas oprimidas - e por elas habitadas.

Uma moral da história que aqui trouxe, poderia ser: Enquanto há História há Esperança; enquanto há Esperança, há História – através da relação e da sensibilidade humana. E através da resistência e da luta contra quem as pretenda diminuir.

## REFERENCIAS

- Arendt, H. (1951). *As Origens do Totalitarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 2006. [in English: *The Origins of Totalitarianism*]
- Arendt, H. (1963). *Eichmann em Jerusalém: Uma Reportagem sobre a Banalidade do Mal*. Coimbra: Tenacitas, 2003. [in English: [Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil](#)]
- Ciccone, A. (2003). La "Tyrannie-et-Soumission": Apports de Donald Meltzer. *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Ciccone et al). Paris: Dunod.
- Fairbairn, W.R. (1940/1952). Factores Esquizóides da Personalidade. *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega, 2000. [in English: Schizoid Factors in The Personality. *Psychoanalytical Studies of the Personality*]
- Fairbairn, W.R. (1943/1952). O Recalcamento e a Reaparição dos Objectos Maus. *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega, 2000. [in English: The Repression and the Return of Bad Objects. *Psychoanalytical Studies of the Personality*]
- Fest, J. (1973). *Hitler*. New York: Vintage Books Edition, 1975.
- Figueirôa, D. (2014). 1984 – 2666: Derivações Psicanalíticas sobre a Tirania e o Mal. *Clínica e Investigación Relacional*, 8 (1): 115-124. Madrid: Ágora Relacional. [[www.ceir.org.es](http://www.ceir.org.es)] [English title would be: 1984 – 2666: *Psychoanalytic Derivations on Tyranny and Evil*]
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [in English: Totem and Taboo. *The Standard Edition...*]
- Freud, S. (1930). O Mal-Estar na Civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [in English: Civilization and its Discontents. *The Standard Edition...*]
- Grinberg, L. (1963). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi, 2000. [in English: *Guilt and Depression*]
- Grossman, D. (1986). *Ver: Amor*. Porto: Campo das Letras, 2004. [in English: *See Under: Love*]

- Klein, M. (1946/1975). Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides. *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. [in English: Notes on Some Schizoid Mechanisms. *Envy and Gratitude and Other Works*]
- Klein, M. (1957/1975). Inveja e Gratidão. *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. [in English: Envy and Gratitude. *Envy and Gratitude and Other Works*]
- Meltzer, D. (1968). La Tyrannie. *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Ciccione et al). Paris: Dunod, 2003.
- Orange, D., Atwood, G., Stolorow, R. (1997). *Working Intersubjectively: Contextualism in Psychoanalytic Practice*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Orwell, G. (1949). 1984.
- Sebald, W.G. (1999). *História Natural da Destruição*. Lisboa: Teorema, 2006. [in English: *On the Natural History of Destruction*]
- Winnicott, D. (1966/1984). A Ausência de um Sentimento de Culpa. *Privação e Delinquência* (ed. C. Winnicott, R. Shepherd, M. Davis). São Paulo: Martins Fontes, 2002. [in English: The Absence of a Sence of Guilt. *Deprivation and Delinquency*]

Original recibido con fecha: 27/02/2016 Revisado: 27/02/2016 Aceptado: 28/02/2016

**NOTAS:**

US Holocaust Memorial Museum: [www.ushmm.org](http://www.ushmm.org)